

## **Planejamento: Improvisação livre, novas tecnologias e a estética da sonoridade – 2015**

Foco na questão da escuta:

- 1- Escuta reduzida, objeto sonoro (ginástica do ouvido): escutar o som, sua história energética (as 4 escutas, Schaeffer). Música concreta. Os sons sem significado. Sem sistema. Paradoxo de Schaeffer: procurar uma nova musicalidade “universal”, que supera os idiomas. A música é uma atividade humana contextual (histórico-geográfica) que se organiza em sistemas (idiomas) que geralmente se baseia na organização de alturas e durações. Escuta reduzida quer expulsar a referencialidade e os sistemas. Exemplos: Mannis, Joelle Leandre, Orquestra Errante, Intimidade para duas vozes íntimas (referencialidade ou não).
- 2- Deep listening, introspecção, “os sons – na natureza - têm vida própria, é preciso ouvir as atividades internas dos sons”, viagem ao centro do som (Pauline Oliveros, Scelsi).
- 3- Musicalização do ruído, não intencionalidade e estetização do ambiente cotidiano, (John Cage). Sons, só sons.
- 4- Estratégias pedagógicas, ecologia sonora: tripla escuta (Alain Savouret), ouvido pensante (Schaeffer), de si, do outro, do coletivo, “escutar a escuta do outro” (Markeas). Figura, gesto e textura.
- 5- Escutando o repertório de referência (ênfase no som): Scelsi (imersão), Lachenmann (ruído, ação instrumental), Evan Parker, Grisey, Varèse, Schoenberg, free jazz, Hermeto, Derek Bailey etc.

Arte sonora e música. Improvisação: performer que lida com sons em tempo real, sem planejamento prévio. Neste contexto, o foco recai sobre a interação, o som “puro” e descontextualizado e sobre o gesto instrumental.

Material: diz respeito aos sons em movimento utilizados. É nele que residem as potências. É o “germe” que se multiplica, se transforma e se desdobra. O

tempo do material é Kairos/tempo oportuno (presente intensificado, verticalizado, tempo “real”, *echtzeit*, natureza qualitativa). No sistema tonal, o material é composto de notas (frequências): escalas, melodias, acordes e harmonias.

Estrutura: é o processo de organização, o conjunto de procedimentos que possibilitam segmentar o fluxo sonoro, articular as partes e que geram uma forma. Se submete à ideia de Cronos/tempo quantitativo. A estrutura determina o conteúdo. Na tonalidade esta estrutura se submete à lógica do sistema (sua gramática).

Forma: é a “imagem” completa gerada pelos movimentos de estruturação do material. A forma “conforma” o conteúdo. Na tonalidade há formas “prontas”(quase “fôrmas”): Sonata, fuga etc.

A *morfologia da continuidade* se dá durante este processo de estruturação e gera as formas (perceptíveis a posteriori).

A improvisação livre pode ser pensada enquanto um sistema ecológico adaptativo e evolutivo na medida em que a “sobrevivência” e a organização (estrutura) do organismo/sistema se dá durante o processo (performance), de forma imanente, sem planejamento prévio (que seria próprio da composição), por “acaso”, passo a passo, através de “mutações” sucessivas. A improvisação livre é um devir. Sua forma se forma durante o processo. Livre versus idiomático. Figura, gesto e textura.

## **Elementos a serem considerados e trabalhados para a configuração do ambiente da improvisação livre (genérico...):**

- 1- Redimensionamento da escuta: reduzida (Schaeffer), profunda (Pauline Oliveros), compositora (Cage). Paradigma do som. Dimensão crítica: não negar o contexto e a extramusicalidade. Escuta como exercício para superar o idiomático (molar) em favor do molecular. Processos de desterritorialização. Paradigma do som X paradigma da nota. Incorporação do ruído ou ampliação da ideia de “som musical”. Imersão: metáforas discursivas X visuais.
- 2- Materiais e procedimentos (um material é sempre também um procedimento ou melhor, todo material supõe, em maior ou menor grau, um procedimento, um devir, um dinamismo). Solfejos (SOM, RUÍDO E SILÊNCIO): do objeto sonoro (Schaeffer); espectromorfologia (Dennis Smaley); figura, gesto e textura (Ferneyhough), tipologia sonora (Lachenmann); micro, média e macro escuta (Savouret). *Tornar sonoro o que não é sonoro* (categorias mais abstratas e gerais): intensidades, densidades, forças, acumulação, dispersão, fusão, fissão, atração, repulsão, energias, gestos, imagens etc. Som em devir: processo x substância; devir x identidade. Transformações, variações, permanências, contrastes, multiplicidade, polifonias. Sons complexos, síntese eletrônica e instrumental. **Construir os sons** e não construir com sons. Forma: articulação e/ou desdobramento de ideias/objetos sonoros.
- 3- Ambiente interativo: aqui e agora, site specific music, ecologia sonora, estratégias Globokar, ética da improvisação, *viewpoints*, ênfase no processo, decisões locais em tempo real, estados provisórios em transformação, controle x não controle, roteiros semiestruturados. Jogo e conversa.
- 4- Tempo: Kairós (Cronos, Aion): o momento certo. Memória de curto prazo: construção passo a passo. “Entrar no futuro de marcha ré”. (Savouret). Intensificação presença: presente contraído. Ideia de devir (vontade de potência). Narratividades, permanências, transformações,

transições, contrastes, cortes, derivas. Tempo discursivo, circular, múltiplo. Tempo extenso x tempo intenso.

- 5- Desejo: combustível do processo.
- 6- Tecnologias: novas e “antigas”. O instrumento musical e suas técnicas (tradicionais e expandidas) e as novas tecnologias digitais. Ideias de fisicalidade e corporeidade. Instrumento enquanto extensão da voz e do corpo. Voz instrumento e instrumento voz. Misturas: música e obras mistas (música + vídeo + cena +...). Performance e presença. Performer enquanto criador e testemunha do processo de criação.
- 7- Música experimental...?? Ideia de experimento e empirismo.
- 8- Dimensões políticas, pedagógicas e ideológicas: socialização do fazer artístico, ênfase no trabalho colaborativo e coletivo. Ideal libertário. Questionamento da ideia de evolução e da historicidade linear da música, desmistificação do cânone e da figura do compositor romântico. Ampliação dos espaços de criação.
- 9- Ampliação dos repertórios de referência: música contemporânea, etc. Exemplo Xenakis Tetras: permanências, transformações, estados provisórios, transições, homogeneidade e heterogeneidade de materiais/procedimentos, homofonias, polifonias.
- 10-Relações com o público e com o ambiente: site especificidade, público cúmplice, aqui-agora, dimensão física e corporal, social, contextual.